

A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação

The art of telling and exchanging experiences: a theoretical and methodological reflection
on life stories within the context of education

Elizeu Clementino de Souza
Universidade do Estado da Bahia e
Faculdades Integradas Olga Mettig

Resumo

22 O trabalho discute aspectos teórico-metodológicos da abordagem biográfica no contexto da formação de professores, ao situar percursos epistemológicos da pesquisa com história de vida ou narrativas de formação. O artigo apresenta diferentes tipificações e entradas construídas como prática de investigação/formação com histórias de vida nas Ciências Sociais, destacando a heterogeneidade em torno da temática e dos percursos desta abordagem de pesquisa como constituída de diferentes campos disciplinares.

Palavras-chave: Abordagem biográfica. Pesquisa narrativa. História de vida em formação.

Abstract

This paper discusses theoretical and methodological aspects of the biographical approach in the context of teacher's educational processes. It follows the construction of this particular field of research with life stories and educational narratives presents in different educational research practices recurring to life stories within the Social Sciences. This work stresses the diversity of these fields constituted as different disciplinary ones.

Keywords: Biographical approach. Narrative research. Life stories in educational processes.



Intento neste trabalho situar questões históricas e teórico-metodológicas da abordagem biográfica, aqui entendida como pesquisa narrativa ou história de vida em formação. Tomo como referência uma análise construída (SOUZA, 2003)¹ sobre as histórias de vida, suas implicações e fertilidades para a formação de professores, com ênfase na singularidade das narrativas (auto) biográficas no processo de formação inicial.

Neste trabalho busco analisar aspectos concernentes ao percurso epistemológico da história de vida, aqui tomada como abordagem biográfica, enquanto campo da Sociologia contemporânea e de uma “[...] herança intelectual pluridisciplinar, que lhe dá simultaneamente uma legitimidade e uma fonte multiforme de inspiração [...]” (DOMINICÉ, 1988, p. 101), remete-me a refletir sobre a heterogeneidade em torno da temática e do caminho desta abordagem de investigação/formação proveniente de diferentes campos e disciplinas do saber humano, configurando-se numa prática multidisciplinar e polissêmica.

Nas áreas das Ciências Sociais as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes e, embora considerem os aspectos metodológicos e teóricos que as distinguem como constituintes da abordagem biográfica que utiliza fontes orais, delimitam-se na perspectiva da História Oral. Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica História Oral.

Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras seja em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias de professores. São diversas as terminologias que designam a investigação no campo da abordagem biográfica de professores. Mercedes Pazos (2002, p. 111), no seu texto *Historias de vida y fuente oral. Los recuerdos escolares*, afirma que a diversidade de termos reflete diferentes perspectivas teóricas e metodológicas do trabalho com a abordagem biográfica ou das histórias de vida no campo das Ciências Sociais e da formação de professores, os quais são denominados como “[...] estudos narrativos, métodos de experiência personal, métodos biográficos, yontrealýves

de vida, historias y relatos de vida, historia oral, historias y narrativas personales, autoetnografía etc. [...].”

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e ontrealvess vividos pelos sujeitos em diferentes contextos.

Ainda sobre essa questão, Viñao Frago (2002), *Relatos y Relaciones Autobiográficas de Profesores y Maestros*, apresenta uma taxionomia em relação à variedade de estilos e tipos, embora considere a dificuldade de classificá-las² em função de uma aparente uniformidade e das especificidades em diferentes contextos e pesquisas.

Na ótica da história da educação, apresenta as seguintes modalidades e fontes: “[...] a) ontrealvess y memórias em sentido estricto; b) Entrevistas autobiográficas; c) Diários; d) Agendas; e) Correspondência; f) Hojas de méritos y servicios; g) Textos generados a partir de la demanda efectuada em una encuesta específica; h) Experiências y quehacer em lê aula o centro docente y referencias a la realidad escolar vivida; i) Escritos sobre cuestiones educativas em los que el elemento autobiográfico desempeña um papel relevante; j) Textos, de índole personal, relativos a la gestión de instituciones docentes; k) Archivos autobiográficos.” (FRAGO, 2002, p. 142, 160).

As histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos “documentos pessoais” (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as “entrevistas biográficas”, que podem ser orais ou escritas. De fato, as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como objeto de análise considerando, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que esteja vinculado. Ainda assim, as pesquisas biográficas partem do princípio de que a educação caracteriza-se como uma narratividade (GENOVESI, 2002) intersubjetiva, recolocando a subjetividade como categoria heurística e fenomenológica de tal abordagem.

A revalorização das autobiografias instaura-se no campo da história social, especificamente, com a “viragem” e contribuições teórico-epistemoló-



gicas da história cultural (CHARTIER, 1990) e seu interesse pelo cotidiano, o pessoal, o privado, o familiar e suas representações e apropriações, seja na história da educação seja em outros campos educacionais, a partir do estudo da história do currículo, das reformas educativas, das práticas e culturas escolares, da feminização da profissão, do processo de profissionalização e das práticas docentes.

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si.

Tomo de Pineau (1999) a diferenciação terminológica apresentada no seu texto *Experiências de Aprendizagem e Histórias de Vida*, por entender que o quadro apresentado pelo autor marca uma análise de diferentes trabalhos desenvolvidos desde o final dos anos de 1980 com a abordagem biográfica, através da entrada na história de vida ao cruzar-se com o tempo, a memória, as lembranças, frente à diversidade da abordagem e aos tipos de vida abordados.

A diferenciação apresentada pelo autor, a partir do exame realizado sobre as produções na área, evidencia quatro categorias: "a biografia, a autobiografia, os relatos orais e as histórias de vida." Desta classificação apreendo os seguintes conceitos: a "biografia" "como escrito da vida do outro" (PINEAU, 1999, p. 343) inscreve-se numa abordagem denominada como abordagem biográfica; Pierre Dominicé (1996) define como "biografia educativa," por fazer entrada na trajetória educativa dos sujeitos; Christine Josso (1991) reconhece como "biografia formativa," pressupondo que o sujeito não pode entender o sentido da autoformação se não perceber as lógicas de apropriação e transmissão de saberes que viveu ao longo da vida, através de suas aprendizagens pela experiência.

A "autobiografia" expressa o "escrito da própria vida" (JOSSO, 1991, p. 343), caracterizando-se como oposta à biografia, porque o sujeito desloca-se numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem que haja uma mediação externa de outros. Afirma o referido autor que "O seu peso etimológico, que privilegia a escrita e um

investimento pessoal que pode ser exclusivo, fizeram com que eu o abandonasse pelo conceito mais novo de história de vida, dirigindo a construção de um sentido temporal sem privilegiar o meio social e material em construção.” (JOSSO, 1991, p. 343).

Desta forma, entendo que a abordagem biográfica e a autobiografia das trajetórias de escolarização e formação, tomadas como “narrativas de formação” inscrevem-se nesta abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo formativo e autoformativo, através das experiências dos atores em formação. Também porque esta abordagem constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação. Assim, para Nóvoa, “[...] as histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]” (NÓVOA, 1988, p. 116, grifos do autor).

26 O entendimento construído por Josso (2002) e Dominicé (1988, 1990 e 1996) sobre a abordagem biográfica como um processo de investigação/formação nasce das experiências desenvolvidas na Universidade de Genebra, através das aprendizagens significativas e formativas que são construídas, nos seus diferentes momentos, pelos sujeitos que participaram e participam do seminário *História de Vida em Formação*. Essa perspectiva de trabalho, centrada na abordagem biográfica, configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história.

O “relato de vida”, segundo Pineau (1999, p. 343, grifo do autor), “[...] insiste sobre ‘o enunciado de uma intriga’ sem privilegiar o escrito ou o oral”, utilizando-se em processo de investigação e formação, como também em investigação e intervenção. Para Pineau (1999) D. Bertaux³ foi quem introduziu a utilização dessa abordagem, numa perspectiva sociológica, na França.



A utilização do termo História de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autoconhecimento do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. Tal categoria integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos.

Após a diferenciação conceitual e terminológica apresentada, percebo como pertinente tomar os “modelos” apresentados por Pineau e Lê Grand (1993, p. 99 e 102), no sentido de apreender o papel que pode ocupar os atores e os pesquisadores num projeto de investigação/formação. Desta forma, apresentam os seguintes modelos: “[...] o modelo biográfico, o modelo autobiográfico e o modelo interativo ou dialógico [...].”

Em relação ao “modelo biográfico”, afirmam os autores que existe um distanciamento entre o sujeito e o pesquisador, tendo em vista construir um saber objetivo e disciplinar exercido pelo pesquisador. No que concerne ao “modelo autobiográfico”, existe uma eliminação do pesquisador, porque a expressão de sentido e a construção da experiência centram-se na singularidade e subjetividade do sujeito. Por fim, “o modelo interativo ou dialógico” adota uma nova relação de lugar entre o pesquisador e os atores sociais, tendo em vista uma co-construção de sentido, porque não é redutível à consciência que tem dela o sujeito e também à análise construída pelo pesquisador. Compreendo que a dimensão interativa e dialógica, muito fortemente utilizada na abordagem biográfica, possibilita apreender as memórias e histórias de formação no sentido da investigação/formação tanto para o pesquisador, quanto para os sujeitos envolvidos e implicados com o projeto de formação.

A reflexão sobre a origem da história de vida enquanto método e técnica de pesquisa, que possibilita um novo olhar sobre os sujeitos em formação, me faz aproximar aspectos concernentes à Escola de Chicago e às influências gestadas no movimento de ruptura e reformulação de diferentes campos do conhecimento⁴. A História Oral e seu imbricamento com a dinâmica da Escola dos Annales toma as fontes orais e a pesquisa com os excluídos da história como potencializadores de uma nova forma de compreender o

cotidiano e as vozes dos atores negada por uma perspectiva histórica factual e centrada nos valores dos vencedores, visto que permite reafirmar o sentido da história de vida como método e técnica de pesquisa.

Ao abordar as possibilidades, procedimentos de pesquisa, natureza e fonte da História Oral, Lang (1996 e 2000), Queiroz (1988) e Bom Meihy (1996) afirmam que este método constitui-se como metodologia qualitativa de pesquisa direcionada para uma melhor compreensão do presente, bem como permite apreender a realidade presente e o passado pela experiência e vozes dos atores sociais que as viveram.

Nesta perspectiva, numa pesquisa de História Oral, as narrativas são gravadas através de entrevistas, de forma que a interação pesquisador-pesquisado faz-se presente, possibilitando sua transcrição e, por fim, a construção de documentos que serão trabalhados. Nessa perspectiva,

História Oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma cultura. (QUEIROZ, 1988, p. 19).

Discutindo o dizível e indizível nos relatos orais, Queiroz (1988) apresenta tendências diversas sobre a utilização da fonte em História Oral, passando pelo relato oral, depoimento pessoal, história de vida, biografias e autobiografias. Já Bom Meihy (1996) classifica os tipos de relatos como modalidades assim denominadas: história oral de vida (narrativa da totalidade de experiência de vida de uma pessoa); história oral temática (recorte da história de vida do ator sobre a temática estudada) e tradição oral (relacionada às manifestações do passado sobre o folclore e a transmissão geracional). Outra tipificação é apresentada por Lang (1996), quando considera: a história oral de vida (configurando-se como o relato do narrador sobre sua vivência através do tempo); relatos orais de vida (tem como foco a narração direcionada a uma temática e o narrador aborda aspectos de sua vida concernentes ao objeto pesquisado) e depoimentos orais (coleta de informações factuais do ator sobre sua existência em situação específica ou sua filiação e participação em instituição que se estuda).



Por ser colhida oralmente, a história de vida insere-se no campo da história oral e pode ser definida, conforme Queiroz (1988, p. 19), como “[...] o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu [...].” A referida autora apresenta uma distinção entre o depoimento e a história de vida, levando-se em consideração o papel do pesquisador e a forma que utiliza para recolha dos dados, porque no trabalho de coleta de depoimentos o investigador dirige o informante diante do objeto e das questões que pesquisa, ou seja, é o pesquisador quem dirige e conduz a entrevista frente aos acontecimentos da vida do informante que possam ser incluídos no trabalho.

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida.

Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada de história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização. Evidencio, com base em Queiroz (1988), Josso (2002) e Pineau (1999), que a abordagem biográfica tanto é método, porque logrou no seu processo histórico vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, porque também gozou de conflitos, consensos e implicações teórico-metodológicas sobre a sua utilização. As variadas tipificações ou classificações no uso do método biográfico inscrevem-se no âmbito de pesquisas socioeducacionais como uma possibilidade de, a partir da voz dos atores sociais, recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, socioculturalmente situados, garantindo o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes.

No contexto e cenário internacional e nacional⁵, sítuo experiências com história de vida desde as registradas no início do século XX na Escola de Chicago até as desenvolvidas a partir da década de 1960 até os nossos dias na França, Inglaterra, Suíça, Canadá, Portugal, na América Latina e sobre essas experiências, no que se refere à educação, busco em Nóvoa e

Finger (1988) reflexões que me permitem melhor compreender a autonomia, críticas e desafios sobre a história de vida ou a abordagem autobiográfica.

Ao teorizar sobre “As histórias de vida como projectos de conhecimento”, Josso (2002) apresenta uma síntese das abordagens das histórias de vida, a partir dos textos publicados⁶, há pelo menos quinze anos, os quais prosseguem objetivos teóricos relativos ao papel do pesquisador em relação à metodologia de investigação-formação com histórias de vida e outros métodos concernentes à utilização desta abordagem de pesquisa como projeto de formação e autoformação, a partir de contribuições metodológicas apresentadas sobre esse movimento de pesquisa.

No contexto da América Latina, Camargo, Hipólito e Lima (1984) avaliam preliminarmente a produção científica sobre a história de vida e apresentam um levantamento significativo sobre a utilização deste método de pesquisa, afirmando que seu emprego na latino-américa é um “fenômeno do pós-guerra” como uma das formas de despertar no terceiro mundo, com base em influências de organismos internacionais e de pesquisadores, uma maior consciência de sua estrutura sócio-político-econômica, bem como a construção de um movimento de descolonização da nova ordem mundial.

No Brasil a utilização da história de vida inscreve-se sob as influências da História Oral, e sua introdução instaura-se nos anos de 1960 com o programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), com o propósito de colher depoimentos da elite política nacional, demarcando produções e expansão nos anos de 1990, inclusive com a criação e influência exercida pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO, 1994), frente à realização de seminários e a divulgação de pesquisas da área.

No campo da sociologia, tomo como parâmetro as pesquisas desenvolvidas pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos 1976 (CERU), as quais são empreendidas com a utilização da História Oral. Como expressão dessa produção, Demartini⁷ (1992) aponta que as investigações têm girado em torno de questões que envolvem diferentes procedimentos de recolha e trabalho das falas e narrativas dos atores sociais. No campo da História, Ferreira e Amado (2000), Lang (1996 e 2000), Queiroz (1988) e Bom Meihy (1996) são autores que tematizam sobre a validade desse tipo de fonte e as diversas tentativas de recuperar as narrativas.



No campo da educação, diversos movimentos vêm-se constituindo, desde o início dos anos de 1990, com a utilização do método autobiográfico e com as narrativas de formação. Cabe destacar o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Estudo sobre Docência, Memória e Gênero – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GEDOMGE/FEUSP), sob a coordenação de Catani, Souza, Bueno e Sousa, bem como as investigações realizadas durante o biênio 1997/99 através do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Imaginário Social – Universidade Federal de Santa Maria (GEPIS/UFSM), com pesquisas em rede que inter cruzam as temáticas sobre história de vida, docência, gênero, subjetividade e imaginário na perspectiva de contribuir com a formação de professores. Por isso, cada vez mais, ganham corpo e expressão estudos sobre formação de professores⁸ que tematizam os percursos de formação com enfoque na história de vida, nas autobiografias e nas narrativas de formação.

Nesta perspectiva, Nóvoa (1992) em *Os professores e as histórias de sua vida* apresenta um quadro significativo sobre as pesquisas que adotam a história de vida para compreender a formação, a produção da profissão e as práticas docentes. Ainda assim, sinaliza o autor a fonte e as influências exercidas por Pierre Dominicé na sua formação e em relação à utilização das histórias de vida numa dinâmica de investigação-formação, ao afirmar que:

Foi com ele que conheci as ‘histórias de vida,’ na dupla perspectiva da investigação e da formação, vivendo na Universidade de Genève, nos anos de 1981 e de 1982, uma experiência pedagógica (no sentido forte do termo) que marcou a minha maneira de pensar e agir. Ao produzir e analisar (individualmente e em grupo) a minha própria história de vida, afirmava a necessidade de um ‘tempo de balanço’⁹ [...]. (DOMINICÉ, 1988, p. 24, grifo do autor).

Em relação à fecundidade e potencialidade da abordagem autobiográfica da história de vida ou, mais especificamente, da “pesquisa narrativa”, adoto como suporte teórico as sistematizações construídas por Pineau (1983 e 1988), Ferraroti (1988 e 1993), Nóvoa e Finguer (1988), Dominicé (1988), Nóvoa (1991, 1992 e 2002), Catani, Bueno, Souza (1996, 1997 e 2003) e Josso (1988 e 2002), por compreender as contribuições e os avanços que esses autores apresentam frente às experiências desenvolvidas com pesquisas sobre história de vida e formação e o lugar que assumem as

vivências no percurso da vida, frente às quais se constroem e se transformam as identidades e subjetividades, do ponto de vista do sujeito aprendiz.

Nesta perspectiva, afirmam Catani, Bueno, Souza (1997) que a denominação de “pesquisa narrativa”, na área educacional, vem se consolidando na Europa, desde a década de 1980, a partir das diversas práticas formativas e investigativas, no sentido de compreender a recolocação do sujeito como centro interpretativo das ciências humanas. Josso (2002, p. 13) reafirma o entusiasmo pela abordagem biográfica, por entender que o mesmo aparece indissociável da “[...] reabilitação progressiva do sujeito e do actor”, como uma das formas de superação da hegemonia das pesquisas centradas na causalidade, no pragmatismo e no determinismo positivista.

No que toca à formação de professores, Nóvoa (1988) afirma que, no campo da literatura pedagógica, a obra ‘O professor é uma pessoa’ destaca grande importância e significado frente à transposição de outros momentos e movimentos sobre o processo de formação. Desta forma, os vários estudos e publicações sobre a vida dos professores, carreiras e trajetórias de formação, com base na utilização de biografias e autobiografias, revelam-se como de importante valor, pois potencializam recolocar os professores como cerne do debate sobre as pesquisas educacionais.

Ferrarotti (1988), ao discutir “Sobre a autonomia do método autobiográfico”, afirma que as pesquisas sobre história de vida centram-se numa abordagem das narrativas autobiográficas e utiliza ao longo do texto a expressão método biográfico referindo-se aos relatos autobiográficos. Nóvoa (1988) utiliza os parênteses (auto) biográfico, tendo em vista a simplificação que faz ao duplo sentido da expressão, como movimento de investigação e de formação, evidenciando-se a narrativa do ator social.

Ferrarotti instala um debate sobre a autonomia e consolidação da biografia como método autônomo de pesquisa no campo das Ciências Sociais. Para o referido autor, a utilização do método biográfico, numa perspectiva sociológica, corresponde a uma dupla exigência, caracterizando-se inicialmente como uma “necessidade de renovação metodológica” como forma de rompimento com a metodologia clássica das Ciências Sociais centradas na objetividade e na intencionalidade nomotécnica. Como segundo aspecto, a gênese de uma nova Antropologia que aparece no “capitalismo avançado.” Ou seja,



[...] as pessoas querem compreender a sua vida quotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que esta lhes impõe. Deste modo, exigem uma **ciência das mediações** que traduza as estruturas sociais em comportamento individuais ou microssociais [...].(FERRAROTTI, 1988, p. 20, grifo do autor).

Por entender que a sociologia clássica não dá conta de compreender e subsidiar as necessidades de uma hermenêutica social, Ferrarotti (1988) classifica-a como impotente para o campo psicológico individual, visto que a biografia torna-se referência sociológica que pode garantir a mediação entre a história individual e social, porque “[...] a biografia parece implicar a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, de acção social. Uma teoria que preencheria o “[...] corte epistemológico” que, segundo Althusser, divide inelutavelmente o domínio do psicológico e o domínio do social. Uma teoria que, portanto, corresponde às necessidades mais urgentes de outras ciências humanas que procuram pôr-se criticamente em questão: a Psicologia, a Psiquiatria, a Psicanálise.” (FERRAROTTI, 1988, p. 21).

As reflexões de Ferrarotti pontuam aspectos sobre as metamorfoses, especificidades do método biográfico e as mediações sociais do trabalho com biografias de grupos, na medida em que o homem no seu cotidiano universal singular pode ser tomado para análise como referência da totalidade da experiência humana, reproduzindo-se na sua singularidade.

As experiências e seminários desenvolvidos desde a década de 1980 pelo grupo da Universidade de Genebra, a partir das discussões sobre autoformação através da abordagem das histórias de vida por parte do sujeito aprendente (PINEAU, 1988), marcam um sentido particular para a entrada e a utilização das biografias educativas como potencializadoras para a compreensão do processo de formação. Nesse sentido, afirma Dominicé (1988, p. 103) que “[...] a biografia é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Esta dupla função da abordagem biográfica caracteriza a sua utilização em ciências da educação [...].”

Tanto para Pineau (1988) quanto para o grupo de Genebra (Dominicé, Finger e Josso) a biografia educativa vincula-se à Educação Permanente do adulto e instaura-se na singularidade da autoformação em contexto educativo, não comportando generalizações num campo de investigação, e a sua utilização articula-se com um objeto de investigação, o qual vincula-se a um

contexto educativo. É deste lugar e desta implicação teórica-epistemológica que entendo ser a biografia educativa um recurso fértil para compreender a singularidade das narrativas de formação no processo de construção da identidade docente.

As entradas que venho construindo, centradas na prática de formação com as histórias de vida, tem me permitido denominá-las de narrativa (auto) biográfica ou narrativa de formação tal como utilizada por (JOSSO, 2002), por entender que as mesmas possibilitam analisar possíveis implicações da utilização deste recurso metodológico como fértil para a compreensão de memórias e histórias de escolarização de professores/professoras em processo de formação.

Entendo, também, que a experiência construída através da história da escolarização (DOMINICÉ, 1988) pode apresentar contribuições significativas para o campo educacional em seus diferentes aspectos, especificamente, aqueles relativos aos estudos e pesquisas sobre a formação docente, o ensino e semelhantes ou diferentes práticas pedagógicas vivenciadas pelos alunos.

Os caminhos trilhados desde o início do século XX e os embates travados em diferentes campos do conhecimento têm permitido melhor compreender e reafirmar a abordagem biográfica e a utilização da narrativa (auto) biográfica como opção metodológica para a formação de professores, visto que a mesma possibilita inicialmente um movimento de investigação sobre o processo de formação e, por outro lado, possibilita, a partir das narrativas (auto) biográficas, entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação.

34

Notas

- 1 Faço referência ao trabalho 'História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto) biográficas,' publicado no Livro 'Currículo e Docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais', 2003, o qual utilizo como base para a ampliação do presente artigo.
- 2 Sobre essa questão, afirma o autor que "un análisis de los distintos tipos de literatura autorreferencial de profesores y maestros existente, un intento, no cerrado ni exhaustivo, de clasificación de los mismos. Una clasificación que implica su caracterización y, por tanto, una primeira aproximación a sus formas materiales y textuales, así como a sus motivaciones y contenidos, cuestiones todas ellas que requieren un tratamiento más extenso y detallado." (VIÑAO FRAGO, 2002, p. 143).



- 3 Sobre essa questão, Pineau (1999) faz referência ao livro de D. Bertaux, *Lês récits de vie. Perspective ethnosociologique*, Paris: Nathan-Université, 1997.
- 4 Sobre essa questão, Franco Ferraroti (1988) apresenta no texto *Sobre a Autonomia do Método Biográfico*, um excelente quadro teórico e as 'Razões de um 'revival' em relação à renovação metodológica das Histórias de Vida em contraposição a crise do "Santo Método," especificamente quanto aos seus dois valores fundamentais: "[...] a objetividade e a intencionalidade nomotética." Para um maior aprofundamento dessa questão, consultar o referido texto, p. 19-34.
- 5 A experiência desenvolvida no projeto PROSALUS, no Departamento de Recursos Humanos do Ministério de Saúde de Portugal, coordenado por Nóvoa e Finger (1988), resultou na publicação do livro *O método (auto)biográfico e a formação*, contando com experiências desenvolvidas por Adèle Chené, Pierre Dominicé, Franco Ferrarotti, Matthias Finger, Christine Josso, António Nóvoa e Gaston Pineau, o que demarca diferentes movimentos de utilização e teorização sobre o método (auto)biográfico no cenário internacional.
- 6 A autora destaca uma variedade significativa de livros e/ou artigos de Gaston Pineau (*Histoires de vie*), Pierre Dominicé (*L'histoire de vie comme processus de formation*), as produções da European Society of Research in Adult Education (ESREA), como obras que traduzem um esforço coletivo. Além destas, faz referência aos trabalhos desenvolvidos no mundo lusófono com as pesquisas de Nóvoa; Catani et al. Para maiores conhecimentos dessa questão, consultar Josso, 2002, p. 14-20.
- 7 O pioneirismo do trabalho em torno da questão é a pesquisa sociológica desenvolvida no CERU por Zeila Demartini, Sueli Tenca e Álvaro Tenca, sobre "Velhos mestres das novas escolas; um estudo das memórias de professores da Primeira República em São Paulo," a qual objetivou abordar problemas educacionais em áreas rurais de São Paulo durante os anos 30, enfocando especificamente, a partir da história de vida dos professores, esclarecer aspectos sobre a educação em São Paulo.
- 8 Dentre os estudos produzidos no final dos anos 90 e início de 2000 destaco as seguintes pesquisas: Sônia Kramer e Solange Jobim Souza (1996); Belmira Bueno, Maria Cecília Sousa, Denice Catani e Cynthia Pereira Souza. *Docência memória e gênero: estudos sobre formação* (1997) e *A vida e o ofício dos professores* (1998); Selva Fonseca. *Ser professor no Brasil: história oral de vida* (1997); Maria Teresa de Assunção Freitas. *Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica* (1998); Jane Soares de Almeida. *Mulher e educação: a paixão pelo possível* (1998); Roseli Fontana. *Como nos tornamos professoras?* (2000); Valeska Fortes de Oliveira. *Imagens de professor: significação do trabalho docente* (2000); Mailsa Carla Passos. *Memória e história de professoras: como praticar também é lembrar* (2000); Geni Nader Vasconcelos. *Como me fiz professora* (2000); Ana Alcídia de Araújo Moraes. *Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação* (2000); Marilda da Silva. *Como se ensina e como se aprende a ser professor* (2003); Carmem Lúcia Vidal Pérez. *Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares* (2003); Maria Helena Menna Barreto de Abrahão. *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria* (2004), como resultado do I Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica, dentre diversas experiências que demarcam a ampliação da utilização do método autobiográfico e da pesquisa narrativa na formação de professores.
- 9 Ao referir-se a sua participação no seminário e ao tempo de balanço proposto e vivido no mesmo, afirma Nóvoa (1992, p. 24) que "Espero poder construir, neste seminário que tem como tema 'A história de vida em formação', um trabalho de investigação e de reflexão sobre os momentos significativos dos meus percursos pessoais e profissionais. É um trabalho que desejo virado para o futuro e não para o passado. Gostaria de ser capaz de o conceber como uma 'fase preliminar da (nova) acção.' Acção que espero apreender com um outro olhar e as mesmas utopias."

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura (auto) biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

CAMARGO, Apásia; LIMA, Valentina da Rocha; HIPÓLITO, Lúcia. O método de história de vida na onrea Latina. **Cadernos do CERU**, São Paulo, n. 19, p. 148-180, 1984.

CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano; SOUSA, Cynthia Pereira de. (Org.). Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 2, p. 61-76, maio/ago. 1996.

_____. **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

_____. **A vida e o ofício dos professores**: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998.

_____. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. (Org.). **Formação de educadores**: desafios e onreates. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, Alice. Reflexões sobre a pesquisa sociológica. **Cadernos do CERU**, São Paulo, n. 6, p. 15-22, 1992.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TENCA, Álvaro; TENCA, Sueli. **Velhos mestres das novas escolas**: um estudo das memórias de professores da 1ª República. São Paulo: INEP/CERU, 1985. (Relatório de Pesquisa).

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

_____. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L' Harmattam, 1990.



_____. Enjeux de la pratique dès histoires de vie comme méthode de recherche-formation dans la formation dès formateurs. In: DESMARAIS, Durval; PILON, Jean Maurice. **Pratiques dès histoires de vie**. Au Carrefour de la formation, de la recherche et de l'intervention. Paris: L'Hamattan, 1996.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

_____. **Histoire et histoires de vie**. 2ème ontre, Paris: Libraries dès Méridiens, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de visa**. São Paulo: Papyrus, 1997.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRAGO, Viñao Antonio. Relatos t relaciones autobiográficas de profesores y maestros. In: BENITO, Agustini Escolano; DÍAZ, José ontr Hernández. **La memória y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada**. Valencia: Tirant, 2002, p. 135-175.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. (Org.). **Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica**. Rio de Janeiro: Ravi, 1998.

GENOVESI, Giovanni. La escuela como narratividad. In: BENITO, Agustini Escolano; DÍAZ, José ontr Hernández. **La memória y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada**. Valencia: Tirant, 2002, p. 245-263.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathia. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 37-50.

_____. **Cheminer vers soi**. Suisse: L'Age D'Homme, 1991.

_____. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim. (Org.). **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: BOM MEIHY, José Carlos Sebe. (Org.). **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. In: MORAES, Ana Alcídia de Araújo. (Org.). **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação.** Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 107-130.

_____. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e educação,** Porto Alegre, n. 4, p. 109-139, 1991.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vida de professores.** 2. ed. Porto: Porto Ed. 1992, p. 11-30.

_____. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: EDUCA, 2002.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. (Org.). **Imagens de professor: significação do trabalho docente.** Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

PASSOS, Mailsa Carla. Memória e história de professores: como praticar também é lembrar. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (Org.). **Como me fiz professora.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 99-110.

PAZOS, Mercedes Suárez. Historias de vida y fuente oral. Los recuerdos escolares. In: BENITO, Agustini Escolano; DÍAZ, José ontr Hernández. **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada.** Valencia: Tirant, 2002, p. 105-133.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. **Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **on histoires de vie.** Paris: PUF, 1993.

PINEAU, Gaston; MICHELE Marie. **Produire as vie: autoformation et autobiographie.** ontreal: Edilig, 1983.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 63-77.

PINEAU, Tomo de. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR, Pierre. (Org.). **Tratado das ciências e das técnicas da formação.** Tradução Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.



QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p. 14- 43.

SILVA, Marilda da. **Como se ensina e como se aprende a ser professor**. Bauru (SP): EDUSC, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto)biográficas. In: MACEDO, Roberto Sidney. (Org.). **Currículo e docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais**. Salvador: Editora da UNEB, 2003, p. 35-56.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (Org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Elizeu Clementino de Souza
Prof. Dr.do Programa de Pós-Graduação em Educação e
Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia e
Faculdades Integradas Olga Mettig
Coordenador do GT-Educação Fundamental da ANPEd
E-mail | esclementino@uol.com.br

Recebido 8 fev. 2006

Aceito 20 fev. 2006